



## nuevas fronteras de la demografia

BOURGEOIS-PICHAT, Jean. 1986. *Nuevas fronteras de la demografia*. Santiago de Chile, CELADE, 163 p. il. (Serie E, 30).

Letícia B. Costa\*

Trata-se de uma coletânea composta de seis conferências feitas por Jean Bourgeois-Pichat no Seminário de Especialização em Demografia do CELADE, em Santiago do Chile, no ano de 1984. Em cada uma delas é enfocado um assunto específico, sem relação necessária com as demais. Não se trata portanto do desenvolvimento de um tema em capítulos sucessivos, porém de temas mais ou menos isolados.

Tem-se aí leitura para todos os gostos. O pesquisador mais interessado em demografia formal acompanhará com prazer as deduções feitas a partir da equação fundamental da dinâmica demográfica ou a discussão dos aspectos matemáticos do planejamento de um sistema de financiamento de aposentadorias ou, ainda, o estudo cuidadoso da evolução da mortalidade nos países desenvolvidos, comparado com a da América Latina. É estimulante ver-se matematicamente demonstrado que, em qualquer sociedade em que certa parcela da população trabalhe e gere renda, é perfeitamente factível montar-se um sistema auto-sustentado de previdência social, que permita não só prover as necessidades dos aposentados, mas também gerar recursos adicionais, a serem aplicados em outras prioridades sociais.

A discussão da mortalidade, baseada em metodologia original do A., ressalta alguns fatos que já eram conhecidos e ilumina novas tendências, talvez menos conhecidas. Um deles é o aumento da mortalidade masculina adulta em vários dos países centrais, nas últimas décadas. O A. documenta este aumento estudando a evolução das esperanças de vida aos 30 anos, as quais decresceram, de 1960 a 1980, em vários países, embora tenham aumentado em outros. Analisando as principais causas de morte, o A. associa as tendências constatadas ao aumento da mortalidade por doenças cardiovasculares em países da Europa oriental, de um lado e, de outro, a um melhor controle dessa mortalidade em grande parte dos países capitalistas europeus. O Japão se destaca por um controle notável da mortalidade por doenças cardiovasculares e também por ganhos espetaculares nas esperanças de vida, em todo o período considerado.

---

\* Demógrafa da Fundação SEADE

É também muito elucidativa a comparação dos níveis de esperança de vida entre países da Europa e da América Latina, com base na mesma metodologia. Suprendentemente, os níveis de mortalidade masculina na Hungria, em 1980, eram idênticos aos observados no Peru e na Nicarágua, com esperanças de vida ao nascer de 39 anos.

Por outro lado, para o pesquisador mais propenso às ciências humanas, o interesse principal reside nas outras três conferências da série: novos avanços tecnológicos para prolongar a vida humana, o limite biológico da vida e a questão da energia relacionada com população. Nessas conferências são descortinadas aos olhos do leitor as novas possibilidades de vida abertas ao ser humano pelos avanços da ciência e pelos desdobramentos das tendências demográficas. Porém, em vez da sombria premonição de catástrofe, corrente na literatura demográfica dos anos 60, o leitor encontra nestas páginas a antecipação descontraída de uma vida mais rica, num exercício de imaginação atirado, porém não irrealista, pois calcado em resultados já alcançados ou emergentes da pesquisa científica. A sugestão é mesmo que, na casca do Homo Sapiens de hoje, esteja em gestação um novo ser humano, congruente com a sociedade das próximas décadas, que se vislumbra radicalmente diferente. Fica-se a querer saber mais desse Homo Sapiens nº 2, mas o A. deixa isso à imaginação de cada um, limitando-se a assinalar as transformações demográficas e sociais que conformarão as novas condições da vida humana.

A prolongação do limite máximo da vida na espécie humana tem, segundo o A., merecido esforços sérios de pesquisa por parte de biólogos e gerontólogos. Supõe-se hoje que seja possível descobrir os mecanismos que desencadeiam o processo de envelhecimento e morte, para poder retardá-lo. O A. detalha as várias teorias e diversas linhas de pesquisa que, nesse sentido, estão em andamento, prometendo frutos para breve.

Se a questão anterior era estender o limite potencial da vida humana, o problema abordado a seguir é antecipar o que acontecerá com a população mundial, em termos de volume e estrutura etária, dentro dos atuais limites biológicos de duração, se erradicadas causas de morte como as doenças cardiovasculares, as doenças infecciosas e parasitárias, os neoplasmas e também as mortes violentas. A dedução dessas mortes, aplicada a dados de países europeus, resultaria em esperanças de vida ao nascer de 100 anos para as mulheres e 95 anos para os homens, ao final do século.

O A. nos leva a visualizar em imaginação as alterações que essas mudanças demográficas, decorrentes das conquistas da medicina e da biologia, provocarão sobre o modo de vida do homem na superfície do planeta. Estamos às portas de uma nova transição demográfica, que poderá atingir tão profundamente o estilo de vida do homem, como o fez a descoberta do fogo ou a revolução do verde. Uma das características da transição atual será a produção abundante de energia, e portanto do alimento suficiente para nutrir uma população mundial bastante maior, em virtude simplesmente de uma sobrevivência mais longa. Outra será o surgimento da agricultura sem terra, que já se prenuncia na aplicação de microrganismos na produção de alimentos. A fecundidade será controlada muito mais rigorosamente.

Ainda segundo o A., se a duração máxima de vida se estender aos 200 anos, cerca de 60% da população terá 60 ou mais anos de idade. E nem bem 27% terá de 20 a 59 anos. Esta alteração de estrutura etária da população, aliada aos avanços tecnológicos aplicados à produ-



ção, forçará uma revisão da ética que sustenta todo o sistema de valores da sociedade atual, que é a ética do trabalho. Não por problemas de saúde, que o que se espera é uma velhice saudável até talvez os 100 anos, mas sim porque o trabalho humano ter-se-á tornado em grande medida desnecessário.

Para finalizar, poder-se-ia dizer que são principalmente dois os aspectos que tornam muito agradável a leitura desta coletânea de conferências. De um lado, o tratamento de temas que não costumam figurar nos tratados de demografia, como a questão da produção de energia e da produtividade do trabalho, de que se faz um longo retrospecto histórico; da ética que sustenta nossa civilização, que é mencionada de passagem; dos paradigmas filosóficos que norteiam a compreensão do mundo e dão base epistemológica ao desenvolvimento da ciência. De outro lado, a capacidade de soltar-se do rigor matemático, da precisão aplicada a observar e quantificar os fenômenos, e ver com os olhos da imaginação um mundo novo, rico em possibilidades, a cujos contornos apenas esboçados é geralmente mais sensível o artista e não o cientista. (É, destes, talvez menos ainda o demógrafo.) É esta visão, mesmo que não se venha a concretizar totalmente, é fascinante.

E nós, do terceiro mundo, onde ficamos? Segundo avaliação da Organização Mundial da Saúde, veiculada pelos jornais, cerca de um terço da população mundial, isto é, mais de um bilhão de pessoas, é ainda hoje afetada pelas doenças parasitárias. Na América Latina, estamos ainda longe de ter erradicado as doenças infecciosas. As parasitárias, e também em grande medida as infecciosas, são sabidamente "doenças sócio-econômicas", passíveis de erradicação mediante aplicação adequada de técnicas já existentes. Ao que tudo indica, estamos, em nosso continente, muito longe do "bravo novo mundo" apontado pelo A.. A questão é saber se perdurará a extrema iniquidade na distribuição dos frutos do trabalho humano ou se finalmente a humanidade encontrará caminhos em que as possibilidades de uma vida mais longa, mais saudável e sem fome estejam ao alcance de um maior número.